

Jazz

10 de maio 2014

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Sidsel Endresen e Stian Westerhus

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sáb 10 de maio
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M3

Voz Sidsel Endresen *Guitarra* Stian Westerhus

O que tiver de acontecer

A profecia de William Parker parece estar a cumprir-se, mas de modo bem diferente daquele que este contrabai-xista norte-americano vem pregando e não o tendo a ele como timoneiro. A “revolução cultural” que ele antevia, e que muito se esforçou por realizar (por exemplo tornando-o *groovy*), era a de que o *free jazz* voltaria a ser uma música popular, tal como acontecera pela altura em que o subgénero surgiu, na década de 1960, identificando-se com o levantamento *black is beautiful*.

A realização da mensagem parkeriana a que presentemente assistimos tem outras características: a designação “jazz” para o que ouvimos é duvidosa, dado que, se o idioma musical em questão está lá, partilha influências

com vários outros, e até o fator *free* é relativo – a versão original pretendia libertar a improvisação da escrita e o que 50 anos depois se improvisa faz-se com uma perspetiva assumidamente composicional.

Dois dos mais insígnies (e porque haveria o protagonismo de ser só de um?) representantes dessa atitude experimental tornada “pop” são os noruegueses Stian Westerhus e Sidsel Endresen. Tornada? Uma análise musicológica séria faz-nos ver que o experimentalismo só podia existir no campo da música popular, dado que o conservatorial, por sua própria natureza, tem por finalidade reproduzir os padrões existentes, vindos do passado.

Stian podia ser tomado como o típico guitarrista de rock, o que começa desde logo pela sua aparência física, que inclui longo cabelo eriçado a gel, numa explosão de amarelo, calças justas como uma segunda pele, casaco “retro” e botas Doc Marten. Essa conotação é reforçada pela insistência na distorção e no *feedback* como principais recursos guitarrísticos e pronuncia-se ainda mais quando percebemos que o seu mundo sonoro está algures entre o legado “prog” dos King Crimson de Robert Fripp e a influência *thrash metal* dos Slayer. Acrescente-se a devoção que tem por Jimmy Page, dos Led Zeppelin, a qual sobressai quando pega num arco de violoncelo e o aplica sobre as cordas.

Mas não é tudo. Stian Westerhus estudou jazz em Londres, aí entrando em contacto com a música do canadiano expatriado Kenny Wheeler (o mesmo trompetista *mainstream* que outro

Parker, o histórico do *free jazz* e da *free music* Evan Parker, apontou como o melhor músico em atividade nas ilhas britânicas) e descobriu que cruzar ruído e melodia tem a particularidade de melhor evidenciar as propriedades de cada um. Percebeu também outro fator: que tocar livremente e com propósitos exploratórios significa nada excluir em termos de discurso e linguagem musicais. Ser livre não é necessariamente ser abstrato; é ser abstrato e ser tonal, sem preconceitos.

Depois, Stian mergulhou na música erudita contemporânea e juntou à irreverente energia do rock e ao balanço pulsativo do jazz a complexidade harmónica que o fascinou nos grandes compositores. Diz ele: «Pois, não sou músico de jazz, sou apenas músico. O pessoal do rock diz que o que eu faço não é rock, e o do jazz afirma que não toco jazz. Estou-me nas tintas. Sinto-me feliz por ter as minhas próprias ideias quanto à forma como quero que as coisas soem e por não estar fechado dentro de um dogma. O certo é que foi a minha formação jazz que me abriu os ouvidos.»

Mesmo em bandas de rock como Puma e Pale Horses esta sua caracterização está patente, e foi ela que interessou aos Jaga Jazzist e à Crimetime Orchestra quando estes o chamaram, bem como a Nils Petter Molvaer e, mais recentemente, a Sidsel Endresen, resultando no duo que gravou o álbum *Didymoi Dreams* e que agora se apresenta em Lisboa. Não é a mescla de estilos que quem requisita a sua colaboração procura nele, nem

sequer os seus excelentes dotes como guitarrista («quero estar mais envolvido musicalmente do que isso, esticando e recompondo os contextos», afirma), mas a sua atitude tanto descomprometida quanto inclusivista.

E, não menos fundamental, o facto de conseguir levar a um público mais alargado aquela que é uma prática musical habitualmente constrangida a sobreviver na margem. Um público que não se agrada coma música experimental ou o *avant-jazz* mas que segue entusiasmadamente as suas pisadas.

Fusão? Colagem? Algo que vem dos anos de ouro da Mahavishnu Orchestra e dos Weather Report ou que continua os preceitos de Frank Zappa e John Zorn? Nada disso. São as substâncias, não os invólucros, que lhe importam: «O divertido é verificar como os parâmetros de músicas diferentes se encaixam no “puzzle” que quero construir. Lidar com esses parâmetros é que torna um projeto em algo de nosso.»

A obra gravada de Stian e os seus concertos já foram definidos pela imprensa como o que fariam uns mais radicais Radiohead, Coldplay, The Blue Nile e Talk Talk, mas o certo é que não é possível compará-lo com terceiros. Até o que faz com a guitarra não é equiparável ao que ouvimos em Vinny Reilly, Fred Frith e Bill Frisell, para apontar os nomes avançados pelos críticos que equivocadamente o tentaram.

Também as suas perspetivas “orquestrals” (para “ensembles” como o Britten Sinfonia ou simplesmente decorrendo da forma como utiliza a pedaleira e a tecnologia de estúdio) foram analisadas

com alusões a figuras como Ingram Marshall e o Krzysztof Penderecki de antes da conversão neoclássica, mas o erro mais uma vez se repetiu. Stian Westerhus é um caso único e inclusive as suas referências, os discos a que volta sempre, não servem para categorizar o que emerge na música «com sujidade debaixo das unhas» que nos presenteia.

No momento de criar apaga tudo o que tem na cabeça, ouve o que está à sua volta e toca. «O importante para mim é que o período de tempo que decorre entre virem-me as ideias e traduzi-las no instrumento seja o mais curto possível, de maneira a não pensar nelas. Cada peça é a sua improvisação e em todas obrigo-me a cobrir novos territórios», comenta.

Assim como Stian Westerhus é mais do que um guitarrista, a Sidsel Endresen não podemos chamar propriamente “cantora”. O que faz com a voz é surpreendente e só acreditamos no que nos entra pelos ouvidos quando a vemos produzir aqueles sons diante de nós – não finge ser um instrumento, ao contrário das vocalistas improvisadoras que pretendem ser “diferentes”. É, isso sim, como que um sintetizador humano.

E no entanto, o seu percurso está mais ligado ao jazz (o jazz nórdico, bem entendido, a exemplo das suas parcerias com Django Bates e Bugge Wesseltoft) do que o do jovem com quem partilha o palco, ainda que o trabalho de pesquisa que vem desenvolvendo esteja a par de uma Cathy Berberian, uma Meredith Monk ou uma Fátima Miranda. Como se não bastasse para nos confundir, a tessitura vocal que possui remete-nos para

Sandy Denny, o que se torna duplamente mais óbvio quando introduz elementos do folclore norueguês, e das tradições da China e do Japão, em canções frequentemente interpretadas com uma língua por si inventada, mas que não escondem uma antiga paixão por Joni Mitchell. Canções, de facto, e essa é meia explicação para a sua acessibilidade.

«A voz é um canal. É o músculo que me liga ao mundo. Como faz parte do corpo, tem uma relação direta com os meus processos de pensamento. Não há filtros, é algo de bastante pessoal. A voz é como um casamento feliz entre o “eu” musical intuitivo e o intelecto. Quando estou à procura de alguma fórmula inédita, essa atividade é mais cerebral, mas depois passa para o lugar a que pertence realmente, a espontaneidade. Isso implica, claro está, que ser espontâneo dá muito trabalho», esclarece Sidsel.

Também ela faz questão de não partir de pressupostos e muito menos de preconceitos. O que a atrai em Stian Westerhus é a aspereza, o carácter rude, de diamante em bruto, não domesticado por modos e procedimentos correntes. É isso igualmente que aprecia nos Humcrush (Stale Storlokken e Thomas Stronen, membros do mais conhecido grupo escandinavo de improvisação, Supersilent) e nesse mago do *sampling* que é Jan Bang, companheiros de outras aventuras. São rápidos a responder e a propor caminhos, sem com isso sacrificarem a beleza das situações. «Vamos facilmente do doce para o histérico e daí para o monumental, e eu nem sequer tenho de sugerir emoções, algo que prefiro evitar», salienta.

A isto já não podemos chamar *free jazz* ou *free improv*. É improvisação sem ser “música improvisada”, esse rótulo que vingou apesar de se querer recusar as etiquetas: «Nesses domínios há ainda demasiadas definições do que é bom ou mau, do que se pode ou não fazer. Gosto de deixar as coisas correrem, mesmo que se julgue não pertencerem ali. Com a minha teimosia, acabarão um dia por pertencer.»

Nada está proibido, e talvez seja essa a novidade mais absoluta de propostas musicais como a que teremos agora a oportunidade de apreciar ao vivo. Com certeza que Stian não saturará o espectro sonoro como no álbum a solo *The Matriarch and the Wrong Kind of Flowers*, e que Sidsel abrirá o seu jogo para permitir a dose necessária de interação, pelo que um CD como *One* não nos elucida sobre o que vamos encontrar. O que podemos esperar é aquilo que Stian Westerhus costuma prometer quando acompanha a sua conterrânea: «Será um momento muito íntimo, frágil e exigente para nós. Um momento de enorme concentração em que nada será combinado previamente. Acontecerá o que tiver de acontecer.»

Seria curioso observar a reação de William Parker a esta atuação e escutar as suas opiniões. O mais provável seria que não gostasse. E o que achariam Robert Fripp, Kenny Wheeler, Sandy Denny, Joni Mitchell? Food for thought...

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista “online” jazz.pt

Sidsel Endresen

Sidsel Endresen tem estado na primeira linha da cena musical nórdica nos últimos 30 anos. O seu trabalho atravessa géneros que vão da fusão ao jazz-rock nos anos 1980, à improvisação livre e à ‘nova música’ na década seguinte e no novo milénio. É considerada pioneira e uma forte influência na improvisação vocal e nas chamadas “técnicas vocais expandidas”.

Recebeu largo reconhecimento internacional e numerosos elogios da crítica através das suas gravações a solo, nos anos 90, para a ECM, *So I Write* e *Exile* (em colaboração com Django Bates, Nils Petter Molvaer e Jon Christensen), dos três álbuns em dueto com Bugge Wesseltoft, bem como de outros discos para a editora Jazzland – *Punkt Live Remix: Sidsel Endresen & Jon Hassel* em 2008 (com Jan Bang & Erik Honoré), *Merriwinkle* em 2004 (com Helge Sten e Christian Wallumrød), *Undertow* em 2000, entre outros, e da sua gravação de voz a solo *One* (SOFA Records, 2006).

Os *media* internacionais classificaram-na como a “Grande Dame do nórdico, poético, jazz de câmara” e como “a mais inovadora cantora de jazz da Europa”. Todavia, ela não se considera uma cantora de jazz no estrito sentido da palavra. As suas influências e as suas práticas musicais são múltiplas, incluindo expressões vocais étnicas e contemporâneas. Sidsel está sempre a mover-se para novas direções, constantemente renovando a sua música e a sua atitude perante a música, desafiando o papel e a função tradicionais do cantor. Hoje

em dia é considerada uma influência maior para toda uma nova geração de cantores. Tem trabalhado muito a voz como instrumento a solo e desenvolveu um estilo de improvisação vocal muito próprio e inconfundível, bem como uma “linguagem” abstrata, fonética, baseada na exploração da pura expressão do som da voz humana. Os seus concertos a solo são intimistas e minimalistas, concentrados completamente na sua voz, sem utilizar efeitos ou equipamentos eletrónicos. Por vezes acompanha-se com instrumentos simples (uma pequena kalimba, um velho mini gravador, um copo). O seu repertório é um misto de improvisações e de material escrito por ela.

Stian Westerhus

Stian Westerhus é um guitarrista com uma técnica invejável, uma poderosa presença nos palcos, uma grande imaginação criativa, que emerge agora também como um dos mais importantes improvisadores, compositores e membros de bandas da atualidade.

Nos últimos anos tornou-se conhecido pelo seu trabalho com PUMA, Monolithic ou o grupo de Nils Petter Molvaer, assim como, cada vez mais, através dos seus inovadores projetos a solo. Nas suas paisagens musicais residem os mundos tanto do experimentalismo como do jazz, estando ainda confortável na cena da música clássica contemporânea. Já atuou por todo o mundo, desde o Japão às sessões para a BBC em Londres.

Tendo crescido numa remota parte da Noruega, no norte de Trondheim,

a paixão de Stian pela música foi acarinhada pela família e pela professora de música da escola que frequentava. O impacto da música de Mike Oldfield, dos sons de King Crimson e de Jimi Hendrix foram momentos decisivos e marcantes no seu estilo e atuação.

Começou por estudar em Londres, no curso de jazz da Universidade de Middlesex, tendo depois regressado à Noruega para a Academia de Jazz de Trondheim. Em 2009, o seu primeiro álbum *Galore* foi lançado pela Rune Grammofon, seguido um ano mais tarde por *Pitch Black Star Spangled*, muito aclamado pela crítica. Em 2010 deu início a um projeto com a cantora Sidsel Endresen, *Didymoi Dreams*, gravado em 2012 pela Rune Grammofon. Em 2011, a encomenda de Stian para a Trondheim Jazz Orchestra foi estreada no Molde Jazz Festival. Nesse mesmo ano, o guitarrista foi escolhido para fazer parte do prestigioso programa Norwegian Jazz Launch 2011/12.

No outono de 2012 lançou o CD a solo *The Matriarch and the Wrong Kind of Flowers* (Rune Grammofon) e, já em 2014, lançou *Maelstrom* (Rune Grammofon), como S.W. & Pale Horses.

Próximo espetáculo

PANOS

palcos novos palavras novas

Teatro Sex 16, sáb 17, dom 18 de maio
Pequeno Auditório e Palco do Grande Auditório · M12

Os PANOS juntam a nova escrita para teatro ao teatro que é feito nas escolas ou por grupos juvenis. Pela nona vez, mais de trinta grupos de todo o país encenam uma das três peças oferecidas. Este ano os textos são de Gonçalo M. Tavares, Lucinda Coxon e Sandro William Junqueira.



PANOS 2013 © Cindy Manta

Próximo espetáculo de música

Homenagem a Vinicius de Moraes

Mônica Salmaso, Teco Cardoso e Nelson Ayres

Música Sex 23 de maio
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M3

De novo na Culturgest uma das melhores cantoras brasileiras deste tempo, num programa inteiramente preenchido com músicas de Vinicius ou para as quais ele escreveu os poemas. Um belo concerto que nos lava a alma.

Mais informações em www.culturgest.pt



Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Ramos

Mariana Cunha

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
